

No novo milênio, surge nova oportunidade, cedida pelo Governo Estadual em parceria com o Governo Municipal, ambos juntamente com a Universidade do Estado de Goiás proporcionam aos funcionários efetivos municipais, curso universitário em Pedagogia de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental. Estava perplexa diante de tantas oportunidades e justamente o curso que em minha mocidade sonhara cursar. Aí estava a grande chance. Decidi por fazê-lo. Mesmo cursando Filosofia, concorri ao vestibular. Sendo aprovada mais uma vez, tinha a certeza dentro de mim que o Deus o qual amo e venero, um Deus de mistério, mas poderoso estava do meu lado em todos os momentos. Hoje tenho licenciatura plena parcelada em pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás UEG, situada na Unidade Universitária de Ceres – Goiás; estou terminando o curso de Filosofia (Curso Regular) na FACER,- Rubiataba e Pós-Graduando em Psicopedagogia na cidade de Ceres. Nestes anos que passaram, cresci muito, e a lição que a vida me ensina, com certeza irá pendurar nas gerações futuras. O melhor de tudo isso, foi a conquista do conhecimento, através dele adquiri o poder, não um poder que oprime e fere, mas aquele que me faz pensar a cada dia, a cada momento no que está a minha volta, uma visão de mundo mais ampla e conceituada, em busca de um ideal mais próximo a perfeição. A perfeição que cito, é ter comigo mesma, plena paz, onde possa gozar com amplitude tudo que me traga realização, tanto socioeconômica, política, religiosa, etc.; tornando assim, um SER digno de existir e com a maior arma que um ser humano pode possuir “O conhecimento”.

Após seis meses, recebi o convite para trabalhar no colégio onde havia estudado o primário, fiquei surpreendida com o mesmo, isto para mim estava sendo um sonho, pois era um dos objetivos que sempre sonhara alcançar em minha vida. Iniciei meu trabalho com muita determinação, sempre procurando satisfazer meus anseios, e ao mesmo tempo precisava dele para amenizar as dificuldades financeiras na qual estava passando. Lutar para uma vida mais digna, foi o que sempre quis, não só para mim, mas para os que também estava do meu lado. Neste momento de satisfação pude retomar a vontade de voltar aos meus estudos, vi que poderia concluir a etapa que tanto almejava, chegar a uma universidade. Naquele instante não foi possível, descobri que novamente estava esperando um filho, logo nasceu minha pequena, linda e maravilhosa. Ana Claudia Alves dos Santos, chegou na hora certa, trazendo consigo uma paz, uma felicidade que toda família deseja tê-la.

Em 1997, diante de uma nova Presidência da República, o Brasil enfrenta a crise do mercado financeiro mundial ameaçando o Plano Real, havendo dessa forma uma retração da economia, provocando no país a recessão e o aumento do desemprego. Para mim esta fase não veio a prejudicar minha vida, pelo contrário, fui convidada a trabalhar como pro – labore do Estado, trabalho não efetivado. Aceitando o convite, comecei a juntar algumas economias em função de no momento adequado aplicá-lo em meus estudos. O tempo foi passando e em pleno século XX, consegui ingressar na Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba no curso de Filosofia, lá o custeio era mais acessível e minhas economias daria para pagar os dois primeiros anos. A emoção envaidecia minha alma e reacendia novamente em mim a fé e a esperança de dias melhores, e que nunca é tarde para recomeçar. No início enfrentei muitas dificuldades, havia parado de estudar a dez anos, mas a persistência me encorajou e encontrei ao meu lado um lar acolhedor e compreensivo; colegas, vizinhos, pais e amigos de sala, tiveram e estão comigo nesta caminhada, tendo uma parte significativa na construção da minha história. Não posso deixar de ressaltar, que também, existem aqueles que almejam a derrota, mas para mim, isso somente será uma parcela para encontrar a soma da vitória.

reprovei e tive que submeter a mesma série. Fui estudar em Nova Glória. Goiás, passava por uma repercussão internacional, o acidente com o Césio -137 em Goiânia, deixando um saldo de quatro mortos, dezenas de contaminados e um problema futuro, os rejeitos radioativos. Terminei o curso profissionalizante, Técnico em Magistério .

Na fase dos 18 anos, em 1989, ano em que a sucessão presidencial seria realizada por eleições diretas e em dois turnos, e que a crise Econômica, a desigualdade social e o uso da máquina do Estado estava em benefício de interesses privados, e que para mim era um período de fantasias, de sonhos e alegrias, conheci aquele que hoje é meu amigo e companheiro, quem divido, minhas alegrias e tristezas, as vitórias e as derrotas. Na época, meu pai a quem muito respeito, propôs a mim duas opções das quais teria que escolher uma: casar ou estudar. A decisão foi difícil para mim. Aceitei o desafio e resolvi-me casar. Dentro de mim algo batia forte e dizia que eu teria que sonhar e que algum dia ainda poderia realizar o que tanto almejava, continuar meus estudos. Fui pela força do coração que batia mais forte.

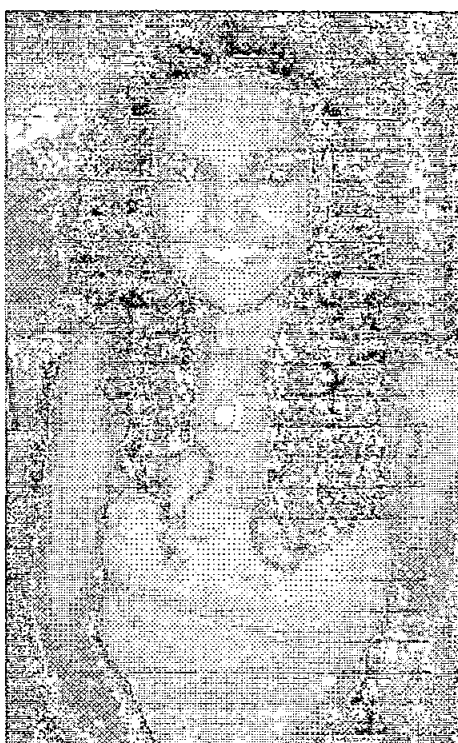
Aos 16 dias do mês de julho de 1991, fui recebida no altar. Casei-me. O tempo foi passando e as dificuldades foram assolando nosso lar, o nosso Brasil estava diante do impeachment de Collor, (presidente), isto teve como importante consequência a revelação de que a política se encontrava seriamente envolvida em esquemas de corrupção. Em meio aos conflitos que ocorriam na sociedade e até mesmo na família, nasce meu primeiro filho, minha alegria e força de viver, Luis Fernando Alves Santos. Três meses se passaram... um triste fato se deu, a avó que cuidou de mim desde que nasci, e que em todos os momentos da minha vida ela esteve presente, veio a falecer. Ela, quem tinha me apoiado e aconselhado, havia ajudado na formação do meu caráter e minha personalidade. Este foi para mim, o pior fato que havia ocorrido comigo durante toda minha vida. Mesmo me sentindo triste e frustrada com o que estava acontecendo, era preenchido pelo filho que estava ao meu lado , aprendendo os primeiros olhares, as primeira gracinhas, os primeiros guguados e as primeiras coordenações.

Meus pais adotivos, pessoas honestas e trabalhadoras, ensinaram-me desde cedo seus princípios e valores. Os lazeres, deixávamos para os finais de semana; íamos à fazenda de um tio em Itapaci GO. Lá eu e minha prima quase que para mim uma irmã, brincávamos e ao mesmo tempo nos divertíamos muito. A minha tia era professora, e quando eu chegava em sua casa, nós íamos brincar de escolinha, a partir daí comecei a despertar meu interesse para as “primeiras letras e palavras”.

Com quase sete anos de idade, fui para a escola. Lá encontrei um amigo, um professor amável e compreensivo, Eurípides Balsanunfo de Souza, ele ensinou-me as primeiras letrinhas. Dedicado em sua profissão, fazia dela instrumento para transmitir dignidade e respeito. Com responsabilidade e eficiência, sua função era desempenhada.

Na década de 80, período em que o nosso país atravessava profunda crise econômica, a inflação se elevava e tornavam-se cada vez mais freqüentes as notícias sobre escândalos financeiros envolvendo militares, tecnocratas e políticos ligados ao poder, mudamos para um povoado muito pequeno, chamado Jardim Paulista, ainda no estado de Goiás. Permanecemos até hoje neste povoado. Muitas coisas aconteceram e continuam acontecendo, coisas estas, que marcaram e marcam minha vida. Nessa época de mudança, meu irmão que já estava com seus cinco anos de idade, voltou novamente a morar com nossa mãe biológica; eu entrei em pânico e custou-me muito para aceitar a idéia de ficar sozinha novamente. O tempo foi passando e as transformações foram ocorrendo naturalmente.

Nos estudos, me destacava na sala de aula, tinha prazer no que fazia, era uma menina dedicada e caprichosa. Aos dez anos de idade, conclui a 4ª série primária. Ainda no Colégio Estadual Jardim paulista, após quatro anos conclui a 8ª série de 1º grau, como falava na época. Momento em que a crise do socialismo, a globalização e o neoliberalismo eram as grandes transformações que ocorriam no mundo. No ano seguinte, fui transferida para o Colégio Imaculada conceição, onde estudei o período de um ano e meio. Por motivos financeiros, fui obrigada a procurar meios que facilitasse o custo financeiro. Não foi um ano de vitórias,



Farei uma viagem ao passado e presente, através do pensamento, para expressar o meu contexto de vida nos aspectos, econômicos, políticos, sociais e culturais, que nortearam e norteiam minha trajetória histórica.

Filha de família tradicional mineira, nascida em meados da década de 1970, no dia 06 de fevereiro de 1971, na cidade de Patos de Minas - MG. A "Capital do Milho", onde se fazem grandes desfiles em homenagem a terra do milho. Lá eram apresentados carros alegóricos, esquadilha de fumaça e concurso para a rainha do milho. Nesta época a igreja católica estava renovada pelo espírito conciliar, com inúmeros de seus membros sofrendo forte perseguição, e denunciava a miséria das classes populares e as violações dos direitos humanos.

Fui aos três meses de nascida, adotada pelos padrinhos de batismo, família muito religiosa, praticante do catolicismo. Família de classe média que moravam na região de Patos, fazenda Aragão. Meus pais cultivavam plantações de milho, feijão e criavam gados.

Biografia da aluna

PILETTI, Claudino & PILETTI, Nelson. **História da Educação**. 7 ed. São Paulo: Ática, 1997. (Série Educação).

SAVIANI, Demerval. **Tendências Pedagógicas**: Revista da Faculdade Brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

WERNECK, Hamilton. **Como Encantar Alunos da Matrícula ao diploma**. Editora do Autor. Goiânia: 2001.

ALVARENGA, Maria Amália de Figueredo Pereira & ROSA, Maria Virginia de F. P. do Couto. **Apontamentos de metodologia para a ciência e técnicas de redação científica**. 2 ed. Porto Alegre: Sérgio Antonio Fabri ed, 2001.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Moderna, 1996.

_____. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Moderna, 2000.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 33ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção Primeiros Passos).

BRASIL, **LDB**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Nº 9.394/96 de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF.

CHAUÍ, Marilena. **Convite a filosofia**. 6ª ed. São Paulo Ática, 1997.

DELORS, Jacques. **Educação : Um tesouro a descobrir**. 5 ed. São Paulo: Cortez. Brasília, DF: MEC:UNESCO, 2001.

DEMO, Pedro. **Política Social do Conhecimento**. São Paulo:2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 15 ed. São Paulo: Paz e terra, 2000. (Coleção leitura).

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1991.

BIBLIOGRAFIA

as partes do globo terrestre, porém, ninguém questiona a sua legitimidade pois todos são conscientes da necessidade das mesmas e deve-se acreditar que tais mudanças devem ser ainda mais profundas porque a educação, sem pessimismo, mas com realismo, não tem acompanhado de perto todas estas transformações, pelo contrário, na melhor das hipóteses tem apenas seguido-as.

do um curso aleatório, acrítico, sem reflexão, passou a utilizar a Filosofia que, aplicada à educação, passa a desempenhar a função de promover uma reflexão sobre as diretrizes, tendências e rumos educacionais.

E o que o segundo capítulo do presente trabalho mostra é que a Filosofia da Educação nos dias atuais, assume novos caminhos e muitos fatores contribuem para essas mudanças. Em primeiro lugar e considerando o que já foi mencionado anteriormente, a educação assume características diferentes em função do momento histórico e do tipo de sociedade a que se destina e a educação dos dias atuais destina-se a uma sociedade globalizada que desconhecem fronteiras para o conhecimento e a capacidade de produzir e disseminar conhecimentos, através das facilidades proporcionadas pelos meios de comunicação e informação, é tão rápida que os conhecimentos se tornam obsoletos em muito pouco tempo, e tudo isso faz parte das considerações da Filosofia.

Os estudos realizados também apontam para o fato de que a educação útil e necessária ao dias atuais, deve elevar cada educando da situação de oprimido, dentro de um ambiente de coesão social para um estágio crítico de participação democrática, em outras palavras, a educação deve estar voltada para a formação da cidadania participativa. Quando se diz que as escolas devem oferecer uma educação para a sociedade mundial, está-se explicitando que além de formar para a cidadania, deve-se preocupar, também com a formação de um trabalhador que irá atuar dentro de um mercado altamente competitivo; assim, enfatiza-se a necessidade de desenvolver um espírito de criticidade e empreendedor pois cada indivíduo deve procurar empreender as transformações e não ficar numa posição passiva esperando que as mudanças ocorram. Uma reflexão filosófica indica a necessidade de uma educação para a liberdade para a autonomia intelectual e para o progresso social.

Portanto, a Filosofia indica que a educação está passando por um necessário processo de transformações que é inevitável para que ela se adequa aos dias atuais. As mudanças que ocorrem na educação são sentidas em todas

Algumas visões conclusivas importantíssimas devem ser destacadas após a realização deste trabalho. Em primeiro lugar, é fundamental destacar que as idéias e os pontos aqui destacados, apontam novas perspectivas para a educação e é a Filosofia que irá, mesmo de forma tímida e por vezes até oculta, apontar estas perspectivas promovendo uma reflexão crítica sobre a educação e o seu papel dentro do contexto social.

Quando se diz que é a Filosofia que irá apontar as novas perspectiva da educação, está apenas se destacando uma de suas características básicas que é estar presente como reflexão crítica em todos os setores do conhecimento e da ação; desta forma, numa era em que muitos preferem denominar “era do conhecimento”, A Filosofia constitui-se na possibilidade de uma crítica do conhecimento, pois como colocavam os antigos gregos a Filosofia é à busca do conhecimento do próprio conhecimento. Como foi explicitada, a educação está presente em todos os tipos de organizações, desde as mais primitivas até as mais moderna, assim cada povo tem o seu próprio modelo de educar-se. Pelo que foi enfatizado no primeiro capítulo, pode-se constatar que a educação pode ser informal ou formal porque ela ocorre na escola, mas também existe naqueles lugares onde nem mesmo existem as escolas. A educação formal surgiu historicamente em decorrência da própria necessidade do homem de transmitir ou pelo menos discutir os seus conhecimentos e, por outro lado, estão aqueles que sentiram a necessidade de construir novos conhecimentos, novas habilidades. Porém, de todas as concepções de educação, aquela que merece mais ser destaque é o ponto de vista pedagógico que concebe a educação como uma práxis que supõe uma relação recíproca entre teoria e prática. Com base no relacionamento entre educação e pedagogia que é possível afirmar que a educação sempre foi determinada por cada momento histórico pelo qual a sociedade a que se destinava estava passando, em outras palavras, os agentes educacionais e os especialistas em educação criaram uma tendência ou uma teoria educacional que melhor se adequa ao modelo de sociedade e as experiências que ela está vivenciando. Porém, o ato educativo não pôde ir seguin-

CONCLUSÃO

que a educação neste terceiro milênio está traçando novos caminhos e que estes caminhos são necessários e devem superar todas as formas de tradicionalismo que inviabilizou uma educação para a emancipação social. No Brasil, como também nos outros países de terceiro mundo, é cada vez mais crescente a discussão em torno de uma educação de qualidade, que atenda ao modelo atual de sociedade, em outras palavras, os educadores e toda sociedade se mostram conscientes dos caminhos que a Filosofia aponta para a educação e destacam a necessidade de promover uma nova prática educacional.

deve estar errado. Cabe então, aos poderes públicos, aos educadores, aos alunos e à própria comunidade refletir sobre a situação e procurar seguir sempre mais os caminhos que fazem da escola ser um lugar de prazer e alegria para todos.

- Embora seja uma prática social, que visa enquadrar o indivíduo na chamada “sociedade adulta”, não podemos atribuir à educação um, papel de simples modeladora da personalidade da criança e do jovem, em função de uma acomodação passiva e submissa à ordem vigente. Muito mais do que isso, o objetivo fundamental do ensino de 1º e 2º graus, segundo a legislação vigente, é proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades. Se for verdade que tal desenvolvimento deve levar à preparação para o trabalho, é também verdade que deve propiciar a preparação para o exercício consciente da cidadania e a auto-realização. Portanto, ao se tratar de uma modelagem, de produção em série de seres submissos e passivos; trata-se, isto sim, de ajudar o estudante a tomar consciência da realidade em que vive, para que nela atue de forma a transformá-la.
- A educação, sendo uma prática social, não pode restringir a ser puramente livresca, teórica, sem compromisso com a realidade local e com o mundo em que vivemos. O conhecimento é tanto mais eficiente quanto se fizer na prática e levar a uma prática coerente e consciente. À educação cabe, por isso mesmo, assumir um compromisso claro e confirmado continuamente na prática de sala de aula, no sentido de um esforço constante que contribui para a eliminação da miséria e da fome para a construção de uma sociedade mais justa.

Quando se propõe a analisar como a sociedade mundial vem refletindo sobre esses novos caminhos da Filosofia, nos dias atuais, o que se percebe é uma crença generalizada em relação à necessidade de um novo tipo de educação capaz de atender aos anseios da sociedade globalizada e apta à formação de um ser integral. Uma prova dessa unanimidade em relação à necessidade de paradigmas educacionais pode ser encontrada na concepção pedagógica de Perrenould, um, especialista em educação da atualidade que, ao falar das múltiplas inteligências e das competências básicas para ensinar, deixa evidente

Numa sociedade tão complexa como a que temos nos dias atuais, uma educação para a liberdade significa uma educação que oferece uma formação geral para o educando, capacitando-o para fazer suas escolhas e seus posicionamentos, quer na sociedade, quer no mercado de trabalho. É importante salientar ainda, que esta educação deve libertar, através dos acontecimentos que propicia construir, o indivíduo de qualquer forma de exclusão.

6. Por uma Nova Filosofia da Educação

A democratização da escola, a integração escola, comunidade, um novo mais humano relacionamento entre professores e alunos; conteúdos e recursos mais apropriados, só poderão tornar-se realidade na medida em que os poderes públicos, os educadores e os alunos, juntamente com os diversos segmentos da sociedade passarem a adotar efetivamente uma nova filosofia da educação. Neste sentido, quatro pontos são fundamentais:

- Não basta que a educação seja uma prática social. É fundamental e necessário que alcance na organização social a prioridade que ainda não tem. A educação, concebida como prática que capacita o indivíduo a viver de forma autônoma e madura na sociedade convivendo de igual para igual com seus semelhantes, precisa deixar de ser tratada como um serviço de segunda categoria, de importância subalterna, para tornar-se um setor prioritário, pois da seriedade com que for tratado e dos recursos que dispuser dependerá em grande parte, a superação dos graves desafios enfrentados pelo nosso país.
- Um aspecto muitas vezes esquecido é o ponto de vista do aluno acerca da escola. A escola não deve ser tão desagradável que só através da obrigação e da força consiga manter os estudantes dentro dos seus muros. Pelo contrário, na medida em que o desejo de aprender e a curiosidade soam naturais e universais nos seres humanos, e na medida em que a escola procura satisfazer esse desejo e essa curiosidade, acreditamos que nela os alunos encontrem uma fonte de prazer, de satisfação, de realização pessoal. Se isso não acontecer é porque algo

ação, sem ser constrangido ou forçado por nada e por ninguém.

Na concepção Aristotélica, a liberdade é o princípio para escolher entre alternativas possíveis, realizando-se como decisão ato voluntário. A liberdade é contrária ao necessário ou à necessidade, sob a qual o agente sofre a ação de uma causa externa que o obriga a agir sempre de uma determinada maneira já no ato voluntário livre o agente é causa de si, isto é, causa integral de sua ação. Sem dúvida, poder-se-ia dizer que a vontade livre é determinada pela razão ou pela inteligência e, nesse caso, seria preciso admitir que não é causa de si ou incondicionada.

No entanto, como disseram os filósofos posteriores e Aristóteles, a inteligência inclina a vontade numa certa direção, mas não a obriga nem a constrange, tanto assim que podemos agir na direção contrária à indicada pela inteligência ou razão. É por ser livre e incondicionada que a vontade pode seguir ou não o conselho da consciência. A liberdade será ética quando o exercício da vontade estiver em harmonia com a direção apontada pela razão.

Sartre levou essa concepção ao limite. Para ele:

A liberdade é a escolha incondicional que o próprio homem faz de seu ser e de seu mundo. Quando julgamos estar sob o poder de forças externas mais poderosas do que a nossa vontade, esse julgamento é uma decisão livre, pois outros homens, nas mesmas circunstâncias, não se curvaram nem se resignaram.²¹

Em outras palavras, conformar-se ou resignar-se é uma decisão livre, tanto quanto não se resignar nem se conformar, lutando contra as circunstâncias. É a liberdade que define a humanidade dos homens sem escapatória.

A educação deve ser vista como o principal instrumento que deve preparar o indivíduo a esta liberdade, compete a ela socializá-lo e torná-lo mais humano. Assim, uma educação para a liberdade deve levar o indivíduo a se libertar de qualquer forma de alienação, tornando-o apto a pensar e agir com racionalidade e mostrando-se responsável pela consequência de seus atos.

21 – SARTRE, Apud. CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. 8ª ed. São Paulo: Ática, 1997. P.361

A educação para a tolerância e para o respeito do outro, condição necessária à democracia, deve ser considerada como uma tarefa geral e permanente. É que os valores e, em particular, a tolerância não podem ser objeto de ensino, no estrito sentido do termo: querer impor valores previamente definidos, pouco interiorizados, leva no fim de contas à sua negação, porque só tem sentido se forem livremente escolhidos pela pessoa. A escola pode, quando muito, criar condições para a prática quotidiana da tolerância, ajudando os alunos a levar em consideração os pontos de vista dos outros e estimulando e discussão de dilemas morais ou de casos que impliquem opções éticas.

Além destas recomendações que visam, sobretudo, as práticas escolares, é ao longo de toda a vida que a educação deve valorizar o pluralismo cultural apresentando-o como uma fonte de riqueza humana: os preconceitos raciais, fatores de violência e de exclusão devem ser combatidas por uma informação mútua sobre a história e os valores das diferentes culturas.

5. Educação e Liberdade

A primeira grande teoria filosófica da liberdade foi exposta por Aristóteles em sua obra *Ética e Nicômaco* e, variantes, permanece através dos séculos. Chegando até o século XX, quando foi retomada por Sartre. Nessa concepção, a liberdade se opõe ao que condicionado externamente e ao que acontece sem escolha deliberada.

É livre aquele que tem em si mesmo o princípio para agir ou não agir, isto é, aquele que é causa interna de sua ação ou decisão de não agir.²⁰

Neste sentido, a liberdade não é concebida como poder pleno e incondicional da vontade para determinar a si mesma ou para se autodeterminada. Ela é pensada, também, como ausência de constrangimentos externos e internos, isto é, como uma capacidade que não encontra obstáculos

uma educação que entre fundo no espírito lógico do desenvolvimento moderno: pois a educação será tanto mais competente quanto mais souber usar e o conhecimento e o valor.

4. Educação e Dinâmica Social: Alguns Princípios de ação

Dar à educação o lugar central que lhe cabe na dinâmica social, é uma tarefa que exige, antes de tudo, salvaguardar a sua função e combater todas as formas de exclusão social. Esta é uma tarefa que exige uma gestão democrática, feita com a participação dos pais e de toda comunidade escolar na definição do percurso escolar dos filhos e a ajuda às famílias mais carentes financeiramente e que não consideram a escolarização dos seus filhos como um custo impossível de suportar.

Por outro lado, o ensino deve ser personalizado, esforçando-se por valorizar a originalidade, apresentando opções de iniciação às diversas disciplinas, atividades ou artes, confiando esta iniciação a especialistas, que possam comunicar aos jovens o seu entusiasmo e explicar-lhes as suas próprias ações de vida. Para criar modalidades de reconhecimento de aptidões e conhecimentos tácitos e, portanto, para haver reconhecimento social, é bom, sempre que possível, diversificar os sistemas de ensino e envolver nas parcerias educativas, as famílias e os diversos atores sociais. A esse respeito, enfatiza o ex-ministro da educação Paulo Renato de Souza:

São consideradas melhores, e oferecem um ensino de maior qualidade, as escolas que envolvem participativamente, os pais e toda comunidade no processo de tomada de decisão.¹⁹

Por outro lado, há que assumir a diversidade e o múltiplo pertencer como uma riqueza. A educação para o pluralismo é, não só, uma barreira contra a violência, mas um princípio ativo de enriquecimento cultural e cívico das sociedades contemporâneas.

19 - Werneck, Hamilton. **Como Encantar Alunos da Matrícula ao diploma**. Editora do Autor. Goiânia: 2001, p. 103.

A educação deve ser entendida como fator de realização da cidadania, com padrões de qualidade da oferta e do produto, visando lutar contra a superação das desigualdades sociais e da exclusão social. Neste sentido, a articulação da escola com o mundo do trabalho torna-se a possibilidade de realização da cidadania, pela incorporação de conhecimentos, habilidades e técnicas, novas formas de solidariedade social, vinculação entre trabalho pedagógico e lutas sociais pela democratização do Estado.

No contexto da sociedade contemporânea, a educação pública tem uma tríplice responsabilidade:

- Ser agente de mudanças, capaz de gerar conhecimentos e desenvolver a ciência e a tecnologia.
- Trabalhar a tradição e os valores nacionais frente à pressão mundial de descaracterização da soberania das nações periféricas.
- Preparar cidadãos capazes de entender o mundo, seu país, sua realidade e transformá-lo positivamente para o que são indispensáveis os conteúdos educativos e as habilidades intelectuais.

O escritor e cientista social, Dr. Pedro Demo, ressalta em uma de suas obras que o capital intelectual é tão importante quanto o financeiro. O conhecimento pode ser entendido como instrumento pois não se faz qualidade sem conhecimento; mas também não podemos reduzir a qualidade ao conhecimento: é necessário civilizar o conhecimento e o sistema econômico; nesse sentido, o que pode unir a economia e a justiça social é a educação e o conhecimento.

A maior força da educação encontra-se no plano político. Ao lado da qualidade formal, podemos falar da qualidade política: a competência que a educação gera. Na educação, o homem reconhece que ele é a força fundamental e isto é competência e não competitividade; o que gera a humanização, que é o objetivo da educação.

Portanto, uma educação correta precisa ajudar na emancipação das pessoas. Nada pode colaborar mais para manter a iniquidade, a injustiça do que a ignorância. Por isso, é necessário investir na educação e na qualidade. É preciso

- Modificam as práticas de convivência humana, bem como, as formas de participação social e política;
- Forçam a escola a mudar suas práticas por causa do avanço tecnológico dos meios de comunicação e da introdução da informática,
- Induzem uma alteração na atitude do professor e no trabalho docente, pois os meios de comunicação e os demais recursos tecnológicos são muito mais motivadores.

A escola de hoje precisa não apenas conviver, mas, também, articular-se se integrar com outras modalidades de educação não-formal, informal e profissional, a fim de formar cidadãos mais preparados e qualificados para um novo tempo. Para isso, o ensino escolar deverá contribuir para:

- Formar indivíduos capazes de pensar e de aprender a aprender permanentemente num contexto de avanços das tecnologias de produção, de modificação da organização do trabalho, das relações contratuais capital / trabalho, dos tipos de emprego;
- Prover formação global que seja patamar para atender a necessidade de maior e melhor qualificação profissional, de preparação tecnológica e de desenvolvimento de atitudes e disposições para a vida numa sociedade técnico-informacional;
- Desenvolver conhecimentos, capacidades e qualidades para o exercício autônomo, consciente e crítico da cidadania;
- Formar cidadãos éticos e solidários,

A educação escolar precisa evoluir para dar respostas concretas à sociedade, formando quadros profissionais para o desenvolvimento e geração de riqueza que sejam capazes, também, de participar criticamente desse processo. Nos dias atuais, uma educação de qualidade é aquela em que a escola promove para todos o domínio dos conhecimentos e o desenvolvimento de capacidades cognitivas e afetivas necessárias ao atendimento de necessidades individuais e sociais dos alunos, à inserção no mundo, à constituição da cidadania, tendo em vista a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. A qualidade é, pois, um conceito implícito à educação e ao ensino.

3. Educar para a Sociedade Mundial

A escola como instituição social educativa vem sendo questionada e pressionada no papel que desempenha frente às transformações econômicas, políticas, sociais e culturais no mundo contemporâneo. Tais transformações decorrem, principalmente dos avanços tecnológicos, da reestruturação dos sistemas de produção e desenvolvimento, da compreensão e das modificações imprimidas ao Estado e das mudanças no sistema financeiro, na organização do trabalho e nos hábitos de consumo. Esse conjunto de transformações vem sendo chamado, em geral, de globalização.

Globalização é, assim, o termo que tem sido utilizado para expressar uma gama de fatores que expressam o espírito da época e a etapa atual de desenvolvimento do capitalismo. O termo sugere, desse modo, a idéia de movimentação intensa, ou seja, a idéia de que o mundo contemporâneo encontra-se em meio a um processo acelerado de integração e reestruturação capitalista. É exatamente por isso que há quem diga que a globalização é um conceito ideológico ou uma construção ideológica que tem por trás a ideologia neoliberal pela qual, para se garantir o desenvolvimento do país, é suficiente liberalizar a economia e suprimir formas superadas e degradadas de intervenção social deixando que a economia, por si mesmo a se autodefinia, criando assim, um sistema auto – regulado.¹⁸

Estes acontecimentos do mundo atual afetam a educação escolar de várias maneiras:

- Exigem um novo tipo de trabalhador, ou seja, um trabalhador mais flexível e polivalente o que leva a valorizar as educações gerais, sólidas, abrangentes e formadoras de novas habilidades cognitivas e competências sociais e pessoais;
- Levam o capitalismo a estabelecer finalidades para a escola mais compatíveis com os interesses do mercado;
- Modificam os objetivos e as prioridades da escola;
- Produzem modificações nos interesses, nas necessidades e nos valores;

18 – TOURAINE. Apud. DEMO, Pedro. *Política Social do Conhecimento*. 2000, P. 18.

sociedade contemporânea, o aluno também deve ser visto como um cliente em formação continuada, responsável pela aquisição de novos conhecimentos.

Quanto ao professor, mais do que nunca, precisa ser visto e atuar como um guia conselheiro, um facilitador do processo ensino-aprendizagem, para tanto, precisa participar de um processo de atualização contínua, pois o aperfeiçoamento da prática docente é vital para o exercício do magistério. Também é fundamental que o professor realize uma mudança constante na seleção de conteúdos, a partir da realidade vivencial em que se encontra com seus alunos.

É importante que a própria escola busque novos paradigmas e deve empreender mudanças na mentalidade procurando se equipar para atender as diversas exigências da modernidade e promover capacitações diferentes para toda a comunidade escolar; é importante que ele a assuma o seu papel de adquirir e desenvolver o espírito crítico e a auto-estima do aluno. A escola não pode, em hipótese alguma servir como Aparelho Ideológico do Estado, pelo contrário, deve criar ambientes físicos que favoreçam trabalhos de grupo, diferenciados e simultâneos, da mesma forma que precisa investir em ambiente informatizados.

Por fim, é importante destacar que a relação ensino/aprendizagem precisa levar em conta as múltiplas inteligências de seus alunos, para tanto, o ensino precisa ser dinâmico e formador de opinião, também precisa ser informatizado, interativo e precisa de uma visão globalizante.

As alternativas educacionais populares serão o resultado de uma luta pela organização do poder popular. Essa luta não dispensa, porém, a criação e a invenção de novos meios educacionais, da incorporação das conquistas da ciência, da técnica e da tecnologia. A informatização da educação, a educação à distância, o envolvimento dos meios de comunicação, a ampliação dos meios não-formais e não-convencionais de educação, o enfrentamento conjunto e solidário de todos os nossos problemas tem sido apontado como o fator mais importante nessa luta pela educação e pela cultura.

Essa base filosófica, universal, coloca num novo patamar as novas correntes e tendências do pensamento pedagógico, divididas por questões políticas, questões metodológicas, questões epistemológicas. Por isso, fala-se hoje mais em perspectivas do que em tendências. As tendências limitam, dividem; as perspectivas somam, integram. Situando o fenômeno da educação não mais nas questões políticas (como queria o iluminismo), não mais nas questões científicas (como queria o positivismo), não mais nas questões metodológicas (como queria o escolanovista), essa nova concepção da educação fundamenta-se na antropologia. Nessa nova concepção é possível encontrar a síntese, o fundamento perdido abaixo da montanha de numerosas teorias e métodos acumulados historicamente. Eles passam a ganhar outro sentido.

Nos dias atuais, com a consolidação da globalização econômica e cultural, alguns conceitos e preconceitos têm dificultado a educação acompanhar as mudanças que vêm ocorrendo em todos os segmentos da sociedade. Segundo Francis Bacon, existem alguns ídolos da mente que impedem de se chegar à verdadeira investigação científica, são eles: os ídolos da caverna (quando somos referenciais únicos da verdade); os ídolos da tribo (a tradição do grupo social); os ídolos do mercado (a força da palavra) e os ídolos do teatro (a representação da vida). Ainda é importante salientar que precisamos avaliar e reavaliar as “propostas de Gabinete” quando estas estão totalmente desassociadas da realidade do aluno.

Em relação ao aluno, é preciso considerar que ele constrói o seu próprio conhecimento, é importante alertá-lo sobre o individualismo que tem crescido na

são e a competição que exarceba o individualismo – devem ser os valores e as práticas predominantes numa escola que pretende educar democraticamente para a democracia.

Além de não encarar os alunos como objetos manipuláveis – e não tratá-los como tais, cabe ao professor dar um passo adiante. Os alunos não são inimigos ou adversários que cumpre derrotar, submeter a todo custo, controlar a ferro e fogo. Professores e alunos são aliados, necessitando trabalhar juntos, cooperativamente, na concretização de um objetivo comum: conhecer e transformar o mundo.

O diálogo sincero é o caminho indicado para que, ao invés de adversários que procuram prejudicar-se mutuamente, professores e alunos passem a ser aliados, caminhando juntos numa mesma direção: a construção de um mundo melhor.

2. Educação: Da coesão social à participação democrática

Em vários países do mundo, a educação tornou-se instrumento de luta e de emancipação, associando a luta social com a luta pedagógica. Não se trata mais de reforçar apenas a escola única, burocrática, uniformizadora que é a essência da teoria educacional burguesa. Uma educação para todos não pode ser conseqüência de uma concepção elitista: os privilégios não são estendidos, mas eliminados, se quer atingir a democracia.

A democracia na educação, quantitativa e qualitativamente, não pode ser um ato de pura recomendação, como pretendiam os teóricos da educação da década de 70. A educação, “instrumento da paz”, é o resultado da luta, do movimento popular. Hoje, diversas organizações de educadores, em muitos países, estão se desenvolvendo no sentido de fortalecer suas entidades contribuindo, que não seja fruto da elaboração teórica de algum pensador, filósofo ou especialista da educação. Essa nova concepção-realização da educação já está se dando concretamente na luta pela conscientização popular e pela organização dos trabalhadores na educação e na cultura.

escola não pode esperar que a sociedade mude para dar sua contribuição à democracia; assim, na medida em que modifica sua estrutura interna, de forma a possibilitar a todos os seus membros uma participação ativa no planejamento, na execução e na avaliação das suas atividades, a escola está educando para a democracia e contribuindo para a democratização da sociedade.

A democratização da escola pode ser vista quantitativa e qualitativamente. Em termos quantitativos, além de possibilitar o acesso à escola de todas as crianças dos sete aos quatorze anos, deve ampliar sempre mais o número de anos escolares para o maior número possível de crianças e jovens. Entretanto, não basta à população ter acesso à escola; é preciso que nela permaneça e que esta lhe seja útil, o que exige a modificação das relações internas da escola, tornando-as mais democráticas. A democratização qualitativa envolve as relações entre o pessoal escolar. O diretor não pode ser visto como um monarca absoluto, que aplica cegamente a lei. Antes de tudo ele também é educador, e como tal, cabe-lhe liderar a caminhada de todo rumo à realização dos objetivos escolares.

Os funcionários administrativos não são meros executores de tarefas burocráticas – preencher fichas, datilografar, controlar os alunos, etc. – mas, por trabalharem numa escola, são também educadores, principalmente através do exemplo e do respeito que manifestam no trato com os alunos.

Os professores, antes de serem simples transmissores de conhecimentos – tarefa na qual seriam facilmente substituíveis por um gravador ou um rádio – educam pelo relacionamento humano que mantém com os alunos e pelo estímulo que a estes devotam no sentido de novas descobertas e novas realizações.

Os alunos não são coisas, objetos manipuláveis ao bel-prazer de diretores, funcionários administrativos e professores, mas pessoas humanas em formação, sujeitos da própria educação, a serem respeitados em sua liberdade de seguirem os caminhos que julgarem corretos a partir das influências educativas que recebem.

A democratização qualitativa compreende, portanto, o respeito mútuo entre todas as pessoas envolvidas no trabalho escolar e a participação de todos na busca dos objetivos comuns. O diálogo e o trabalho cooperativo – e não a repres-

A Filosofia da Educação procura indicar os novos caminhos e os novos rumos da educação nesta virada de milênio, destacando a necessidade de uma educação para a liberdade, para a autonomia, para a democracia e para a inserção no mundo globalizado.

1. Democratização da Sociedade e da Escola

O fim do regime militar não significou uma transformação no regime capitalista brasileiro e nas relações de poder, da mesma forma que a Nova República não trouxe mudanças significativas no sistema escolar. O processo de democratização desenvolveu-se lentamente com alcance bastante limitado. O bloco de poder que emergiu com a ditadura militar continua presente, embora o país tenha se democratizado em alguns aspectos.

É ilusão pensar numa educação democrática sem o fim do analfabetismo e do processo de exclusão social a que são submetidas às classes populares. Também é ilusão pensar numa educação democrática numa sociedade antidemocrática e autoritária.

A constituição de 1988 abriu novas perspectivas para a sociedade em geral, assim como para a educação em particular. O Estado, embora não tenha mudado sua estrutura de poder, conservando e aprofundando suas dimensões neoliberais por meio de uma proposta de modernidade tem dado ênfase a um discurso dos valores democráticos e o campo educacional tende a refletir esses valores. Assim, a educação, e mais especificamente a gestão, necessitam de reflexões sobre seus aspectos teóricos – práticos para viabilizar uma práxis da cultura democrática. Promover a democratização nas relações escolares, de forma a modificar as estruturas de poder implica, necessariamente, promover mudanças na gestão da escola.

O primeiro caminho, indispensável à solução dos problemas que a educação brasileira enfrenta, é a democratização da própria escola. Esta democratização está intimamente ligada à da sociedade como um todo. Mas a

CAPÍTULO II

Filosofia da Educação: Novos

Caminhos

5. A Educação na Filosofia

A Educação sempre teve um papel de destaque para a Filosofia. Sendo a educação um processo de socialização do indivíduo e sendo seu principal alvo a busca de conhecimentos pode-se dizer que a educação consiste numa das metas centrais da Filosofia.

Desde os filósofos mais antigos como Sócrates, Platão e Aristóteles, já havia uma grande preocupação com as questões educacionais.

É a Filosofia que nos fornece alguns elementos importantes sobre a educação como processo histórico pois se constitui numa atividade de pensamento e reflexão que procura identificar as características da educação como processo histórico-social inserida num contexto de constantes mudanças. Assim, ao se analisar as investigações que a Filosofia faz sobre a educação, alguns pontos são imprescindíveis:

- Tem-se cometido o equívoco de considerar que a necessidade de formação profissional é tanto menor quanto menores forem as crianças;
- Ignoram-se as condições reais e os pontos de partida dos professores;
- As práticas educacionais inspiram-se numa perspectiva homogeneizadora;
- A concepção de educação é autoritária;
- O enfoque educacional é instrumental;
- Não há articulação entre conteúdo e método;
- A educação é tratada como uma atividade formal e rígida;
- O foco é a perspectiva do ensino e não a perspectiva da aprendizagem;
- A concepção de base é acadêmica e teórica;
- A transmissão de informação é o centro do processo de ensino-aprendizagem.
- Priorizam-se modalidades convencionais de comunicação como aula;
- Não há articulação entre conhecimento de natureza administrativa e pedagógica.

Todas estas são questões referentes à prática educacional em nosso país que são apontadas pela Filosofia que procura, como já foi dito, investigar a educação como processo.

ele tenha feito sua escolha categorial e axiológica, a partir da qual lê e entende o mundo, pensa e ensina.

Graças a uma história de pelo menos 2.500 anos, a Filosofia acumulou um vastíssimo corpo de conhecimentos, constituindo-se num dos maiores conjuntos bibliográficos de um único gênero. Esse conjunto poderia ser apresentado, simplificadamente como uma moeda que possui duas faces: uma refere-se às diversas dimensões sobre os quais a elaboração filosófica se produz, como, por exemplo a natureza, a arte, a linguagem, a moral, o conhecimento, etc; a outra se refere às diversas perspectivas filosóficas em que essas dimensões são abordadas, os diferentes sistemas, diferentes tradições e correntes em filosofia.

Considerando que todos os conteúdos filosóficos são discursos, veremos que os conteúdos filosóficos são discursos, veremos que o ensinar Filosofia converte-se, primariamente, na tarefa de fazer estudante aceder a uma competência discursiva filosófica. Destarte, de um ponto de vista propedêutica a conexão interna entre o conteúdo e método deve tornar-se evidente: que o estudante tenha se apropriado significativamente de um determinado conteúdo filosófico significa, ao mesmo tempo, que ele se apropriou conscientemente de um método de acesso a esse conteúdo.

Sendo evidente que o filosofar não se reproduz no vácuo, mas se desenvolve a partir de conteúdos concretos, vale dizer, sobre textos e discursos concretos, uma primeira escolha se impõe: não é possível pretender que o aluno construa uma competência de leitura filosófica sem que ele se familiarize com o universo específico em que essa atividade se desenvolve, sem que ele se aproprie de um quadro referencial a partir dos conceitos, temas, problemas e métodos conforme elaborados a partir da própria tradição filosófica.

bém correto que nenhuma filosofia pode significativamente abandonar a pretensão de razão com o qual ela mesma veio ao mundo sem, ao mesmo tempo, contradizer exatamente aquilo que faz, a saber, tentar, com os meios de que dispõe, lançar luz onde o além das aparências...

Se nos portarmos, pois, numa perspectiva externa, isto é, a de um observador das atividades culturais, podemos considerar que tudo o que há são de fato filosofias. Se, ao contrário, se examinarmos a questão de um ponto de vista interno, a saber, a perspectiva do próprio agente social que se sente convocado para a empresa da investigação filosófica, então existe filosofia: o que ele mesmo pratica e considera verdadeira, quer dizer, justificada. É por meio desse critério, aliás, que os professores de Filosofia costumam distinguir as crenças em geral de uma crença que se torna, porque fundamentadas em boas razões e argumentos, uma filosofia à multiplicidade real de linhas e orientações filosóficas e ao grande número de problemas herdadas da grande tradição cultural filosófica soma-se temas e problemas novos e cada vez mais complexos em seus programas de pesquisa, produzindo em resposta a um universo sempre crescente de novas teorias e posições filosóficas. No entanto, é também verdade que essa dispersão discreta de um filosofar que se move, por certo, no ritmo longo da academia, mas que certamente não se esgota nela e que, num outro ritmo, chega mesmo a ensaiar um retorno à praça pública, não pode nos impedir de reconhecer o que há de comum em nosso trabalho; a especificidade da atividade filosófica consiste, em primeiro lugar, em sua natureza reflexiva.

Independente da maneira como uma determinada orientação filosófica esteja configurada ela sempre recebe seu empreendimento não tanto como uma investigação que tematiza diretamente este ou aquele objeto mas, sobretudo, enquanto um exame de como os objetos podem nos ser dados no processo de conhecimento, como eles se tornaram acessíveis para nós. Mais do que aquilo que se tem diante da visão, a atividade filosófica privilegia a volta atrás.

Em suma, a resposta que cada professor de Filosofia deve dar à pergunta: O que é Filosofia? decorre, naturalmente, da opção por um modo determinado de filosofar que ele considera justificado. Aliás, é fundamental para esta resposta que

tradições empíricas de pesquisas voltadas para a construção de modelos abstratos dos fenômenos, e se não é, também, uma das belas artes, no sentido poético de ser uma atividade voltada especificamente para a criação de objetos concretos, de outro lado, a Filosofia sempre teve conexões íntimas e duradouras com os resultados das ciências e das artes e, no esforço de pensar seus fundamentos, muitas vezes foi além delas, abrindo campos para novos saberes e para novas experiências.

Além disso, em que pese o fato de se ter originado como uma vocação pela totalidade, ela sempre esteve, a cada etapa de seu desenvolvimento histórico, defronte a uma determinada ciência particular. Para a Filosofia moderna, em especial para Kant, essa ciência foi a Psicologia. Hoje, vemos a Filosofia ir de encontro à lingüística, à sociologia, à antropologia entre outras. Ademais, dada a sua materialização como escrita, muitas vezes de beleza e vigor poéticos incomparáveis; não chega a ser inédito que alguns a aproximem da Literatura.

Ao dirigir o olhar para fora de si, a Filosofia, ao mesmo tempo, tem a necessidade de se definir no interior do filosofar como tal, isto é, naquilo que tem de próprio e diferente de todos os outros saberes. No entanto, dada a grande variedade e diversidade dos modos e das correntes de pensamento filosófico, devemos dizer que existe Filosofia ou tudo que existe são apenas Filosofias?

Antes de qualquer coisa, não podemos nos esquecer de que uma maneira de filosofar se relaciona com todas as outras de um modo peculiar. Alguém acolhe uma maneira de filosofar porque a considera correta e heurísticamente proveitosa. Neste sentido, já quando os primeiros pensadores apontaram-na na direção da verdade e da razão de ser das coisas, uma concepção filosófica define parâmetros, possibilidades de pensar que, supostamente trazem a verdade à razão de quem pensa ou, se preferirmos faz a razão desvelar a essência por trás da aparência.

E, embora seja evidente que haja ninguém tem o privilégio particular de poder indicar qual é o critério correto e adequado para a razão ou verdade, é tam-

4. A Filosofia na Educação

Nos dias atuais, a Filosofia, como disciplina do Currículo Escolar, contribui para o alcance de alguns objetivos relacionados ao desenvolvimento de competências e habilidades como:

- A consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;
- A preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo;
- O aprimoramento do educando, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;
- A compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos;

Há, com certeza uma contribuição decisiva da Filosofia para o alcance dessas finalidades: ela nasceu com a declarada intenção de buscar o verdadeiro, o belo e o bom. Apesar de uma transformação histórica no âmbito de sua competência explicativa – em parte devido à sua enorme fertilidade em gerar novos saberes – o pensamento filosófico resiste precisamente porque não abandona o seu caráter originário. A esse respeito, a Nova Lei de Diretrizes e Bases do Ensino Nacional, em seu artigo 36, §1^a destaca que:

O domínio dos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia são necessários ao exercício da cidadania.¹⁷

Neste sentido, cumpre dizer que a Nova Legislação educacional brasileira parece reconhecer, afinal, o próprio sentido histórico da atividade filosófica e, por esse motivo, enfatiza a competência da Filosofia para promover, sistematicamente, condições indispensáveis para a formação de cidadania plena.

Algumas considerações importantes devem ser levadas em consideração em relação à inclusão da Filosofia na educação: se, de um lado, a Filosofia não é uma ciência, ao menos são no sentido em que se usa a palavra para designar

17 - BRASIL, LDB. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Nº 9.394/96 de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF. (Inciso III).

O conteúdo a ser transmitido se baseia em informações objetivas que proporcionem, mais tarde, a adequada adaptação do indivíduo ao trabalho. O método usado para a transmissão dos conhecimentos é o taylorista, que supõe a divisão de tarefas entre as diversas técnicas de ensino que estão incumbidos do planejamento racional do trabalho educacional. São valorizados os meios didáticos da avançada tecnologia educacional.

Herdeira do cientificismo, a tendência tecnicista busca no behaviorismo, os procedimentos experimentais necessários para a aplicação do condicionamento e o controle do comportamento, daí a preocupação com a avaliação a partir dos aspectos observáveis e mensuráveis da conduta e o cuidado com o uso da tecnologia educacional.

- **Tendência Institucional** – Essa tendência apresenta elementos que ultrapassam as dimensões da pessoa, buscando uma análise de campo, influenciada pela sociologia. Defende o princípio da autogestão, na qual consiste em confiar ao aluno tudo o que é possível. Lhes confiar, isto é, não a elaboração dos programas ou a decisão dos exames, que não dependem nem do docente nem de seus alunos, mas o conjunto da vida, das atividades e da organização do trabalho dentro desse âmbito.

- **As teorias Construtivistas** – As teorias construtivistas representam o esforço na busca de caminhos que dêem conta da complexidade do processo de aprendizagem. Do ponto de vista epistemológico, os representantes dessa tendência desenvolvem uma concepção interacionista ou construtivista do conhecimento. Para isso, superam tanto o inatismo, pelo qual o sujeito seria o pólo mais importante no processo de conhecimento, quanto o empirismo, pelo qual o sujeito seria passivo, recebendo de fora os elementos para a elaboração do conteúdo mental.

Para os construtivistas, o conhecimento não é inato nem só transmitido; não está só no sujeito, nem é dado apenas pelo objeto, mas se forma e se transforma pela interação entre ambos. Os principais representantes desta teoria são Piaget, Vigotsky e Emília Ferreiro.

vigentes na sociedade. Por isso, seria ilusório pensar que podemos mudar as estruturas sociais por meio da educação. O homem só seria passível após a revolução social e política, ou seja, pela implantação de uma nova sociedade, na qual não houve divisão de classe.

- **A Escola Nova** – O movimento educacional conhecido como escola nova surge no final do século XIX, justamente para propor novos caminhos à educação, que se encontra em descompasso com o mundo no qual se acha inserida. Representa o esforço da superação da pedagogia da essência pela pedagogia da existência que se volta para a problemática do indivíduo único, diferenciado, que vive e interage em mundo dinâmico.

Na escola renovada, o aluno é o centro do processo, existindo uma preocupação muito grande com a natureza psicológica da criança. Segundo a escola nova, as noções gerais não seriam transmitidas pelo professor, pois a abstração deve resultar da experiência do próprio aluno, o conteúdo precisa ser compreendido, não decorado; a escola nova tem por princípio o aprender fazendo e considera que o objeto da educação é o homem integral, constituído não só da razão, mas de sentimentos, emoções e ação. A avaliação é compreendida como um processo válido para o aluno, não para o professor.

A escola nova estava convencida de que a verdadeira democracia seria instaurada pela escola redentora, na qual todos poderiam garantir “um lugar ao sol” a partir de seu talento e esforço; a escola teria a função democratizadora de equalizar as oportunidades.

- **Tendência Tecnicista** – A tendência tecnicista aplicada à educação surge nos E.U.A. Em seguida, seus teóricos e técnicos passam a influenciar os países latino-americanos em via de desenvolvimento. O objetivo de uma escola estruturada a partir do modelo empresarial é adequar a educação às exigências da sociedade industrial e tecnológica, daí a ênfase dada à preparação de recursos humanos.

A necessidade de tornar a prática da educação intencional e mais eficaz traz consigo a exigência de maior rigor conceitual, de sistematização dos conhecimentos, de definição dos fins a serem atingidos e da escolha dos meios a serem utilizados. Assim, surge a pedagogia ou teoria geral da educação.

No início, a pedagogia se acha intimamente ligada à filosofia. Essa pedagogia nascente tem como características o enfoque metafísico próprio da filosofia antiga, que acentua a atitude teórica de análise dos conceitos universais. Segundo essa perspectiva, educar seria desenvolver todas as possibilidades da natureza humana, fazer o homem tender para a perfeição, desabrochar o que tem em potência.

3.1. As Teorias Pedagógicas (Tendências)

- ***Tendência Liberal*** – A educação liberal reflete os ideais do homem burguês, enfatizando o individualismo e o espírito de liberdade. A valorização do homem e da sua capacidade de autonomia e de conhecimento racional foram expressos nos ideais iluministas, reveladores de um otimismo em relação à possibilidade da razão humana de transformar o mundo. A escola não-democrática tem persistido na sociedade liberal devido a inúmeros fatores, mas convém não esquecer que uma das funções principais da escola liberal costuma ser a legitimação da ordem econômica e social. A concepção de mundo subjacente à teoria liberal valoriza: o individualismo, a liberdade individual, a propriedade, a igualdade e a segurança.

- ***Tendência Socialista*** – Os socialistas como Marx, criticam a ideologia burguesa por ser individualista e idealista. Em oposição às teses liberais do contrato social, não concebem ao homem “em estado de natureza”, considerado que o ser do homem é constituído nas relações de trabalho, e como tal, ele é antes de tudo um ser social. Neste contexto, a educação se encontra sob um ponto de vista do materialismo Marxista, na dependência das forças econômicas

profissão, nem para o desenvolvimento de características parciais da personalidade, como um dom artístico, mas abrangente o homem integral, em todos os aspectos de seu corpo e de sua alma, ou seja, em toda a extensão de sua vida sensível, espiritual, intelectual, moral, individual, doméstica e social, para elevá-la, regulá-la e aperfeiçoá-la. É processo contínuo, que começa nas origens do ser humano e se estende até a morte.¹³

Para Kerschensteiner¹⁴ *“A Educação é um sentido de valorização individual e organizado, variável em extensão e profundidade para cada indivíduo e processado pelas riquezas culturais”*.

Já Cohn,¹⁵ *“A educação “é a influência deliberada e consciente exercida sobre o ser maleável e inculto, com o propósito de formá-lo”*.

Durkheim, via a educação como sendo a ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social; tem por objeto suscitar e desenvolver na criança certo número de estados físicos, intelectuais e morais reclamados pela sociedade política no seu conjunto e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destina.

3. Educação e Pedagogia

“O ato de educar é uma práxis”¹⁶. E, como toda práxis, supõe uma relação recíproca entre teoria e prática.

A prática de educar, no entanto, nem sempre foi embasada por uma teoria rigorosamente elaborada. Durante muito tempo, a humanidade utilizou o saber espontâneo para orientar a ação educativa.

Ainda hoje muitos educam dessa forma; basta lembrar que a educação informal que se efetua na família bem como a maneira pela qual as tribos preparam as novas gerações. Não seria exagero dizer que muitas escolas também aplicam fórmulas tradicionais baseadas no senso comum e, portanto, empíricas.

14 - Kerschensteiner, Apud Brandão, p.65.

15 - Apud Brandão, p.65,

16 - Arruda Aranha, 2000, p. 148.

uma geração a outra de viventes, dentro da história da espécie, os princípios através dos quais a própria vida aprende e ensina a sobreviver e a evoluir em cada tipo de ser.

Pode-se, assim, dizer que a educação aparece sempre que surgem formas sociais de condução e controle da aventura de ensinar - e aprender. O ensino formal é o momento em que a educação se sujeita à pedagogia (a teoria da educação), cria situações próprias para o seu exercício, produz os seus métodos, estabelece suas regras e tempos, e constitui executores especializados. É quando aparecem a escola, o aluno e o professor.

De qualquer forma é bom salientar que não existe um conceito único para a palavra educação.

A Educação não é mais do que o desenvolvimento consciente e livre das faculdades inatas do homem.⁹

A Educação é o processo de adaptação superior do ser humano, físico e mentalmente desenvolvido, livre e consciente, a Deus, tal como se manifesta no meio intelectual, emocional e valitivo do homem.¹⁰

O fim da Educação é desenvolver em cada indivíduo toda perfeição de que ele seja capaz.¹¹

É toda a espécie de formação que surge da influência espiritual.¹²

Brandão retrata que a Enciclopédia Brasileira de Moral e Civismo, editada pelo Ministério de Educação e Cultura, traz a seguinte definição para o termo.

Educação. Do latim educere, que significa extrair, tirar, desenvolver. Consiste, essencialmente, na formação do homem de caráter. A educação é um processo vital, para o qual concorrem forças naturais e espirituais, conjugadas pela ação consciente do educador e pela vontade livre do educando. Não pode, pois, ser confundida com o simples desenvolvimento ou crescimento dos seres vivos, nem com a mera adaptação do indivíduo ao meio. É a atividade criadora, que visa a levar o ser humano a realizar as suas potencialidades físicas, morais, espirituais e intelectuais. Não se reduz à preparação para fins exclusivamente utilitários, como a

9 - Scianca, in Brandão. **O que é educação**. 1995. p.62.

10 - Herman Horse, in Brandão, p. 63.

11 - Kant. In Brandão: 1995, p.63.

12 - Krieck, in Brandão p.63.

13 - Enciclopédia Brasileira de Moral e Civil. Brandão, op. cit. P. 63.

2. O que é educação

Segundo Carlos Rodrigues Brandão:⁷ “A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade”.

A educação pode existir livre e, entre todos, pode ser uma das maneiras que as pessoas criam para tornar comum, como saber, como idéia, como crença, aquilo que é comunitário como bem, como trabalho ou como vida. Ela pode existir imposta por um sistema centralizado de poder, que visa o saber e o controle sobre o saber como armas que reforçam a desigualdade entre os homens, na divisão dos bens, do trabalho, dos direitos e dos símbolos.

Assim, existe a educação de cada categoria de sujeitos de um povo; ela existe em cada povo, ou entre povos que se encontram. Existe entre povos que submetem e dominam outros povos, usando a educação como um recurso a mais de sua dominância. Da família à comunidade, a educação existe difusa em todos os mundos sociais, entre as incontáveis práticas dos mistérios do aprender; primeiro sem classes de alunos, sem livros e sem professores especialistas; mais adiante com escolas, salas, professores e métodos pedagógicos.

A educação existe no imaginário das pessoas e na ideologia dos grupos sociais e, ali, sempre se espera, de dentro, ou sempre se diz para fora, que a sua missão é transformar sujeitos e mundos em alguma coisa melhor de acordo com as imagens que se tem de uns e de outros, (...), mas na prática, a mesma educação que ensina pode deseducar, e pode correr o risco de fazer o contrário do que pensa que faz, ou do que inventa que pode fazer.⁸

A educação existe onde não há a escola e por toda parte pode haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra, ou ainda não foi sequer criada a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizado. Porque a educação aprende com o homem a continuar o trabalho da vida. A vida que transporta de uma espécie para outra, dentro da história da natureza, e de

7 e 8 – BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. 33ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995 (p. 10 e 12),

De acordo com o professor Dermeval Saviani⁵, “qualquer reflexão é filosófica quando é radical, rigorosa e de conjunto”.

“Radical”: Em primeiro lugar, exige-se que o problema seja colocado em termos radicais, entendida esta palavra no seu sentido mais próprio e imediato. Quer dizer, é preciso que se vá até as raízes da questão, até seus fundamentos. Em outras, exige-se que se opere uma reflexão em profundidade.

“Rigorosa”: Em segundo lugar é como que para garantir a primeira exigência, deve-se proceder com rigor, ou seja, criticamente, segundo métodos determinados, colocando-se em questão as conclusões da sabedoria popular e as generalizações que a ciência pode ensejar.

“De conjunto”: Em terceiro lugar, o problema não pode ser examinado de modo parcial, mas uma perspectiva de conjunto, relacionando-se o aspecto em questão com os demais aspectos do contexto em que está inserido. É neste posto que a filosofia se distingue da ciência de um modo mais marcante.

A filosofia é, portanto, a crítica da ideologia. Atentando para a etimologia do vocabulário grego correspondente à verdade (A-lethéia, A-letheiein, desnudar).

Assim a verdade é pôr a nu aquilo que estava escondido, e aí reside a vocação do filósofo: o desvelamento do que está encoberto pelo costume, pelo convencional, pelo poder.

Finalmente, a filosofia exige coragem. Filosofar é um exercício puramente intelectual. Descobrir a verdade é ter a coragem de enfrentar formas estagnadas do poder que tentam manter o status quo, é aceitar o desafio da mudança. Saber para transformar.

5 – SAVIANI, Demerval. **Tendências Pedagógicas**: Revista da Faculdade Brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

6 - ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Moderna, 1996. p. 108

filosofia se encontra no seio mesmo da história. No entanto, está mergulhada no mundo e fora dele, eis o paradoxo enfrentado pelo filósofo.

Pois é impossível negar que a filosofia coxeia. Habita a história e a vida, mas quereria instalar-se no seu centro, naquele ponto em que são adventos, sentido nascente.⁴

Nos seus primórdios, a Ciência se achava ligada à filosofia, sendo o filósofo aquele sábio que refletia sobre todos os setores da indagação humana. Por isso, é possível falar na Geometria de Tales e Pitágoras e na Física e Astronomia Aristotélicas.

A partir do século XVII, a revolução científica iniciada por Galileu determinou a ruptura dessas duas formas de abordagem do real. Lentamente apareceram os chamados ciências particulares, limitando um campo específico de pesquisa. A primeira questão que ocorre é imaginar o que resta à filosofia, se ela, ao longo do tempo, foi esvaziada do seu conteúdo pelo aparecimento das ciências particulares, tornadas independentes. E, neste século, até as questões referentes ao homem reivindicam o estatuto de cientificidade representado pela procura do método das ciências humanas.

Na verdade, a filosofia continua tratando dessa mesma realidade apropriada pelas ciências. As ciências se especializam e observam recortes do real, enquanto a filosofia jamais renuncia a considerar o seu objeto do ponto de vista da totalidade. A visão da filosofia é uma visão de conjunto, ou seja, o problema tratado nunca é examinado de modo parcial, mas sempre sob a perspectiva de conjunto, relacionando cada aspecto com os outros do contexto em que está inserido. Se a ciência tende cada vez mais para a especialização, a filosofia, no sentido inverso, quer superar essa fragmentação do real, para que o homem seja resgatado na sua integridade e não sacumba à alienação do saber parcelado.

Em todos os setores do conhecimento e da ação, a filosofia deve estar presente como reflexão crítica a respeito dos fundamentos deste conhecimento e deste agir.

4 – PONTY, Merleau. APUD ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *Filosofia da Educação*. São Paulo: Ática, 1996. p. 106.

1. O que é Filosofia

Segundo Marilena Chauí,¹ “A palavra filosofia é grega. São compostas por duas outras: philo e *Sophia*. *Philo* deriva de *Philia*, que significa amizade, amor fraterno, respeito entre os iguais. *Sophia* quer dizer sabedoria e dela é que vem a palavra *sophos*, sábio”. Filosofia significa, portanto, amizade pela sabedoria, amor e respeito pelo saber. E o filósofo é aquele que ama a sabedoria, que tem amizade pelo saber, que deseja saber.

Assim, Filosofia indica um estado de espírito, o da pessoa que ama, isto é, deseja o conhecimento, o estima, o procura e o respeita.

Atribui-se ao filósofo grego Pitágoras de Samos (século V a c) a invenção da palavra filosofia. Pitágoras teria afirmado que a sabedoria plena e completa pertence aos deuses, mas que os homens podem desejá-la ou amá-la, tornando-se filósofos.

Os antigos gregos tinham inicialmente uma consciência mítica cuja manifestação maior foram os poemas de Homero e Hesíodo e foi quando se deu a passagem do mundo mítico para a consciência racional, que apareceram os primeiros sábios. É bom observar que a própria etimologia mostra que a filosofia não é puro logos, pura razão, ela é a procura amorosa da verdade.

Para Kant, filósofo alemão do século XVIII, “*não há filosofia que se possa aprender só se pode aprender a filosofar*”². Isto significa que a filosofia é sobretudo uma atitude, um pensar permanente. Ela é um conhecimento instituinte, no sentido de questionar o saber instituído. Para Platão, “*a primeira virtude do filósofo é admirar-se*”³. A admiração é a condição de onde deriva a capacidade de problematizar o que marca a filosofia não como posse da verdade, mas como sua busca.

Portanto, não se trata de um saber abstrato, à margem da vida. O próprio tecido do seu pensar é a trama dos acontecimentos, é o cotidiano; por isso a

1- CHAUÍ, Marilena. *Convite a filosofia*. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1997. P.19

2- KANT, apud CHAUÍ, op. cit., p. 26

3- PLATÃO, apud CHAUÍ, op. cit. p. 53

CAPÍTULO I
Filosofia e Educação

Filosofia como disciplina e a filosofia como conhecimento que dá suporte ao conhecimento que a educação visa construir.

No segundo capítulo, realizou-se uma análise sobre a Filosofia da Educação: Novos Caminhos, é feito um estudo sobre as características da educação nos dias atuais, destacando os seus princípios, os seus objetivos e os fins a que se destina. Neste sentido, teceu-se um comentário sobre a educação no Terceiro Milênio, destinada a uma clientela cada vez mais exigente e mais consciente da importância de uma educação crítica, reflexiva e, acima de tudo, permanente; enfim, a Filosofia procura compreender e explicar as características básicas de uma educação destinada a uma sociedade que forma um todo globalizado. Um ponto fundamental desta discussão é a mudança de paradigmas que se faz necessário onde professor, aluno, pais, escolas e toda comunidade devem adotar uma nova postura, principalmente porque se destaca a necessidade cada vez mais urgente de superar todas as práticas tradicionalistas para desenvolver um projeto democrático voltado para a formação da cidadania participativa.

Desta forma, o que pretende este trabalho é mostrar como todas as transformações que atingem todos os aspectos da atividade humana tem os seus reflexos imediatos na educação, exigindo que ela (a educação) passe também por um processo de mudanças com o intuito de se adaptar a esta nova realidade. Estas mudanças pelas quais passam a educação são bastante complexas e exigem um conhecimento a mais que sejam capazes de auxiliar no seu entendimento e que tente explicá-los e ao procurar explicar estes avanços e estas transformações, a Filosofia está delineando novos caminhos.

Este trabalho monográfico tem como pretensão promover uma discussão sobre os novos caminhos que a Filosofia vem assumindo nos dias atuais. Assim, a opção pelo tema "Filosofia da Educação: Novos Caminhos", não representa uma escolha aleatória, mas foi fruto de uma motivação pessoal que emergiu diante da consciência de que a educação vem passando por um processo de transformações profundas e que tais mudanças fazem parte de uma conjuntura muito mais ampla que abrange aspectos sociais, econômicos, culturais e ideológicos. O reconhecimento do processo de transição pela qual a educação vem passando aponta para a necessidade de uma reflexão ampla e profunda e a Filosofia da Educação tem a pretensão de analisar, de forma crítica e reflexiva, este momento atual da educação. Por outro lado, a própria filosofia como forma de investigação do conhecimento está passando por um processo de transformação porque o seu próprio papel mudou, ou seja, a própria Filosofia como conhecimento está buscando novos caminhos.

No primeiro capítulo, é feita uma exposição geral e ampla sobre o conceito de Educação e o conceito de Filosofia em relação à educação, pode-se dizer que ela é uma especificidade humana e não há uma definição única para o termo, pelo contrário, vários autores formularam definições diferentes para a palavra educação. Porém, faz parte do consenso geral entre os pensadores afirmar que a educação é o processo pelo qual a geração mais jovem se apropria dos conhecimentos construídos e transmitidos pelas gerações adultas, também faz parte do consenso geral afirmar que a educação é o processo de socialização do ser humano. Quanto ao termo Filosofia, é importante destacar que ela é a investigação a respeito do próprio conhecimento, em outras palavras, a Filosofia é o conhecimento do próprio conhecimento. Ainda no primeiro capítulo, é feita uma discussão sobre a educação na Filosofia e a Filosofia na educação. A respeito da Educação na Filosofia é feita uma explanação sobre o tratamento e a concepção que a Filosofia tem da educação, ou seja, como a filosofia percebe e interpreta a educação. Já em relação à Filosofia na Educação é feita uma discussão sobre como a educação se serve da Filosofia para atingir os seus objetivos, ou seja, a

INTRODUÇÃO

Sumário

Introdução.....	8
Capítulo I – Filosofia e Educação	
1. O que é Filosofia.....	12
2. O que é Educação.....	15
3. Educação e Pedagogia.....	17
3.1. As Teorias Pedagógicas (Tendências).....	18
4. A Filosofia na Educação.....	21
5. A Educação na Filosofia.....	25
Capítulo II – Filosofia da Educação: Novos Caminhos	
1. Democratização da Sociedade e da Escola.....	27
2. Educação: Da coesão social à participação democrática.....	29
3. Educar para a Sociedade Mundial.....	32
4. Educação e Dinâmica Social: Alguns Princípios de ação.....	35
5. Educação e Liberdade.....	36
6. Por uma Nova Filosofia da Educação.....	38
Conclusão.....	41
Bibliografia.....	45
Biografia da Aluna.....	48

Claudia Cristina Alves dos Santos

FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA

Monografia apresentada no dia 10 de novembro de 2003, como partes
das exigências do Curso de Filosofia.

Paulo Henrique Castanheiras Vasconcelos
Orientador

Helena de Fátima Araújo
Professora

*“Se plantarmos por um ano, devemos plantar cereais.
Se plantarmos por uma década, devemos plantar
árvores.
Se, porém, quisermos plantar por uma existência,
devemos educar os homens.”*

“Transmitir conhecimento é fácil para aqueles que têm segurança e gostam do que fazem, amam a profissão e a ela dedicam grande parte de suas vidas.

Ensinar é uma arte e, como tal, uma tarefa reservada para poucos, porém privilegiados.

Aos que foram verdadeiramente mestres, só me resta dizer que lhes é devido muito mais do que lhe pode ser pago ”.

Quero primeiramente dedicar este trabalho a Deus por ser Ele o dono da sabedoria, e que sempre tem me propiciado este dom: "Sabedoria", para realizar todos meus afazeres. E também aos meus familiares por ter sempre contribuído com a sua dedicação e carinho levando-me a superar os obstáculos que surgem, e dizendo – que vocês são a razão da minha vitória.

Amo vocês.

Claudia Cristina Alves dos Santos



Filosofia da Educação: Novos Caminhos

Monografia apresentada como requisito para conclusão do Curso de Filosofia da Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba, sob a Orientação do Professor Paulo Henrique Castanheira Vasconcelos.

FACER

2003

5-30759

Tombo nº	2468
Classif.:	
Ex.:	1
Origem:	d
Data:	20.03.04

CESUR – COOPERATIVA DO ENSINO SUPERIOR DE RUBIATABA

FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA

FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO: NOVOS CAMINHOS

Claudia Cristina Alves dos Santos

RUBIATABA

2003